

## NAVEGANDO POR ÁGUAS NEGRAS

Mucio Porphyrio Ferreira

O relato que se segue foi extraído de um “diário de bordo” escrito durante a viagem de dez dias pelo rio Negro e vários de seus afluentes. No total, cerca de 2.500 quilômetros.

O eventual leitor de hoje deve situar homens, paisagens e circunstâncias no ano de 1969, quando, a convite do então diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — INPA — dr. Paulo Almeida Machado (posteriormente Ministro da Saúde no decurso de todo o governo Geisel), tive o privilégio e a ventura de participar dessa quase aventura.

Porto de Manaus, quarta-feira, 27 de agosto de 1969. A bordo do “Francisco Sileno II”, sob calor intenso, após as necessárias manobras, com fortes ventos em direção contrária, partimos às 15h40min. Apenas sessenta minutos após, tempestade a estibordo. Relâmpagos e trovões. As águas do rio Negro estão fortemente encapeladas, um verdadeiro mar. O barco balança. Mudança de rota, mais a bombordo, onde as águas parecem mais serenas.

Ainda dentro da baía de Manaus, surge a enseada de Paricatuba com a ilha do Camaleão às 17h50min.

O barco tem 15,70m de comprimento, 3,50 de largura, 10 toneladas, casco de itaúba, a melhor madeira para esse tipo de embarcação. O motor de 16hp, consome 1,5 litros de óleo por hora.

Às 19h10min a lua já vem nascendo à ré. Com esta amplidão de horizonte, clarões iluminam um quarto do céu seguidamente. Nenhum som nos chega aos ouvidos. Apenas os relâmpagos aos olhos num suceder contínuo. Há como que um arco-voltaico atrás das nuvens dentro desta primeira noite. Prepara-se o jantar. Suprimentos para onze dias, incluindo 900kg de gelo. Lataria estrangeira, resultado da Zona Franca, contraste da Amazônia que vi pela primeira vez em 1950. Um ventozinho ligeiramente frio. Saímos da baía de Boi-úçu pouco depois das 21h e já estamos perto do primeiro arquipélago das Anavilhanas, que tem cerca de 320 ilhas, e atingimos a boca do rio Cuieiras. De repente, pelas dez da noite, um toldo imenso, escuro, quase negro, pesado e pouco alto fechou-se sobre nós. Os relâmpagos seguidos clareiam tudo. O vento começou a soprar forte, quase violento. As ondas encrespam ameaçadoramente. Tinha-se a impressão de que a água caía não como chuva, em pingos e filetes, mas em jatos, como

se da nuvem quilométrica se houvessem aberto todas as torneiras de diâmetro incomum. O piloto deixou, a despeito da resistência do vento e das águas, o centro e procura a margem direita nossa, que do rio é a esquerda. Jamais eu vira espetáculo igual ou semelhante. A profundidade do canal, no centro, é calculada em 50m; a do centro estima-se em 60 braças, isto é, quase 100m. O céu continua terrível. Parecia que ia despedaçar-se, esfrangalhar-se em milhões de coisas. Apesar disto e dentro disto descia uma "jangada", uma espécie de leques de toras de madeira puxadas por um "motor". O rio Negro é o habitat preferido dos temporais, dizem-me. Bem menos rico que o Solimões, em peixes, em homens, em tudo. Confiantes na perícia e habilidade do piloto, fomos dormir.

Na manhã seguinte, às 9h, o café: leite americano ( long life ), café de São Paulo, pão feito em Manaus, manteiga de Goiás. Perto de Paulo, o curumim que tem 12 anos.

Para percorrer o paraná do Jacaré, levamos 17h. Deveríamos passar pela boca do rio Camanaú, onde se acham os índios Atroari, às 10 e o fizemos com quinze minutos de antecipação.

Severino Alexandrino de Sousa nasceu em Recife em 1900. Com 5 anos veio para Manaus. Depois esteve no Rio, Petrópolis e voltou. É o comandante. Acostumado, diz ele, a ter tudo em ordem; ficou viúvo duas vezes a casou-se três, e acrescenta: "ninguém faz falta, o que faz é diferença". Andou também por Porto Velho e Maceió. Não abandonará mais esta vida do rio, mesmo que se aposente compulsoriamente.

O "homem dos sete instrumentos" é Antonio Faustino Neto, natural de Manaus, 34 anos, quatro filhos. Já trabalhou em colônias, acampamentos e gosta mesmo desta vida. Como a sua mulher não é lá muito alfabetizada, sem tempo para freqüentar escola, contratou uma professora, vizinha sua, que lhe dá aulas em casa a troco de cinco cruzeiros ( novos ) por mês. Diz "a gente precisa pensar muito hoje. Não é tanto a alimentação dos quatro que me preocupa. É a educação deles. Quero que estudem. Para aumentar os ganhos, faço, aos sábados e domingos, qualquer "biscate". Anda tudo muito caro. São livros, cadernos, sapatos, uniformes. Já agora, neste mês, a gente carece de fazer reserva de dinheiro para os estudos do ano que vem." Gosta mesmo desta vida e acha que o INPA vai melhorar muito agora, "porque home bão tá-li", mostrou o dr. Paulo.

Flávio Barbosa de Almeida, o entomologista, é autodidata. Entende mais da especialidade do que muito diplomado. Tem 34 anos e quatro filhos. Animado de boa-vontade e de amor ao que faz, é encarregado de apanhar hematófagos. Sabe que o anophelis é o transmissor da malária mas quer saber por que só este a transmite. Qual a razão disto; onde, por que e como. Detesta macerar o inseto; prefere secçioná-lo e

pesquisar cada aparelho, cada órgão, cada função fisiológica isoladamente e no conjunto. Trabalhos publicados em várias revistas científicas dos Estados Unidos, Japão, França e mais lugares.

Nesta quinta-feira, pelas 10h30min já se nota a presença das águas do rio Branco nas do rio Negro, embora a distância ainda seja longa, pois só pelas sete da noite veremos a boca do rio Branco.

O tempo está bom, conquanto nublado. É Airão, à margem esquerda. Casas de todo tipo pelas proximidades. Bem cuidadas, pequeninas e outra grande, com vasta varanda na frente. Crianças. Crianças. Uma mulher costura à máquina. Mais em frente, flocos de sumaumeira sobre as águas escuras. Em grande volume, parecem mesmo negras, mas num copo, por exemplo, têm a cor de uísque. Atingimos a boca do rio Branco às 19h40min. Foi necessário apagar as luzes do barco, pois o piloto enfrentava uma espécie de nevoeiro. Ali defronte, o território de Roraima. Jantamos e fomos dormir mais cedo, depois de passarmos por um lugarejo chamado Carvoeiro. São uns vinte postes de iluminação pública e ali moram cento e poucas pessoas. Pertence ao município de Barcelos, que veremos amanhã pelo meio-dia.

29 de agosto, sexta-feira: às 6h15min a lua está a 30 graus sobre o horizonte, na proa, e o sol, imensa bola de fogo, encendeia a popa. Uma paisagem de encantamento se nos oferece aos olhos logo ao nascer o dia sem que a noite tenha inteiramente morrido ainda. Há lua a oeste e sol a leste, concomitantemente.

Antiga capital do Estado do Amazonas, Barcelos, onde atracamos às 8h, dispõe de três escadarias para movimentação de passageiros. Missionários Salesianos com o Colégio S. Francisco de Sales, Ambulatório e Maternidade. A criançada brincava no imenso pátio verde quando o sino bateu. Enquanto andávamos por uma longa rua cimentada, paralela ao rio, o clarim sôou e os tambores rufaram. Aí surgiram os alunos, em ensaio para o Sete de Setembro. Sandálias, alpercatas, havaianas. Meninas de saias, até pouco abaixo dos joelhos, de azul-esverdeado claro e blusas brancas. As pequenininhas, atrás, uniam as colunas em confusão, pois assim poderiam conversar melhor.

Pés de graviola, bananas, frutas outras e lindas flores. Um canteiro diante de uma casa de palha todo forrado de "onze-horas" de todas as cores e bem abertas. As casas são pobres: de madeira, de alvenaria (algumas) e de palha. Todas, porém, muito limpas; na sala de entrada — o que se pode ver de cada uma — retratos, jarras e flores sobre os aparadores. Operários continuavam o serviço de cimentar o leito da "avenida": sobre a terra, uma argamassa de saibro com um tipo de pedra "jacaré"; depois, o cimento sem secções para resistir à dilatação. O

resultado já se vê no início da “avenida”: trincas e rachaduras. Eis a igreja matriz, dedicada a N. S. Auxiliadora. Um harmônio no coro, bancos simples e toscos, uma pintura ( batalha de Lepanto ) na abóboda do altar-mor. Voltamos ao Francisco Sileno II” e continuamos a viagem.

Quem nunca viu isto que estou vendo jamais poderá conceber tamanha beleza e tanta luxúria: Todos os tons de verde, todas as formas imaginárias de galhos; todos os formatos recortados de folhas; palmeiras elegantes, femininas, esbeltas, uma ou outra máscula. E água. São rios, furos, igapós, igarapés, lagos, lagoas, paranás...

É impressionante a vida da gente ribeirinha. Longe de tudo. A única decepção deve ser ir pescar e regressar sem peixes suficientes. E quando passa o “regatão” fazem-se os mais estranhos negócios baseados no escambo. O barco bateu num areião. Marcha à ré, curva e a busca do leito para sair da área. Foi tudo rápido e bem diferente do que presenciei no rio São Francisco... E a selva continua a surpreender-me. A mais rica e fantasiosa imaginação não seria capaz de supor sequer como é tudo isto aqui. Centenas de pequenas borboletas amarelas girando em torno de alguma coisa. Libélulas aproximam-se do barco, voam, vôo razante sobre a água, um mergulho... e estão alimentadas. Passarinhos, dezenas de periquitos fazem incursões de uma à outra margem. As águas parecem espelhos líquidos. Ah, se todos pudessem estar aqui neste rio Negro e gozar da beleza renovada de cada árvore, do quase perfume do ar incontaminado, do azul-róseo do céu, da calma das águas escuras que rolam maciamente. As plumagens coloridas das aves cortam o espaço. “Só se vê bem com o coração”. Tudo encanta e tranqüiliza, porque tudo é simples. A noite está linda. Estrelas de todo tamanho, em grupos, em caudais. Parece-me que nos encontramos um pouco acima da linha do equador: o Cruzeiro do Sul não é visível.

Sábado, 30 de agosto: depois do café, Paulo e eu ficamos a conversar. Pensa ele que o INPA precisa e deve formar homens, nas mais variadas e diversas especializações, mas homens da própria região. Eles já conhecem o meio, amam a Amazônia e aqui viverão. De nada ou pouco adiantará ficar trazendo elementos do Sul para fazer o que o próprio amazônide pode aprender e fazer. O do Sul vem, aproveita-se dos conhecimentos do esforçado local, serve-se dele, e depois regressa ao Sul com grandes trabalhos e exaustivas teses que lhe dão nome, prestígio, distinção e honraria. E o amazônide que o ajudou, que se sacrificou, que lhe deu tudo o que tinha de experiência, vivência, conhecimento, continua sem perspectivas e sem horizontes. O necessário e urgente é preparar, formar o próprio homem da Amazônia. Assim, a obra terá continuidade em benefício do e proveito para o local. O problema não é o controle da

natalidade mas sim criar condições para que o indivíduo melhore seu nível cultural e o padrão de vida. Favorecer o homem da região, antes de tudo. Ele quer progredir. O que se faz aqui no ensino primário é algo inédito no Brasil. O ano escolar é rotativo. Determinadas classes têm férias de março a junho, por exemplo, e neste mesmo período outras classes iniciam os estudos. Há sempre alunos em férias e outros tantos em aulas, durante os mesmos doze meses do ano. Com isto, de 1968 para 1969, duplicou-se o número total de estudantes nas escolas públicas estaduais.

Atracamos em Tapuruquara às 11h30min e fomos ao "Aprendizado Santa Isabel", dos Salesianos. Colégio para ambos os sexos mas em períodos diferentes. Meninas brincavam enquanto uma freira, de terçado na mão, mexia num canteiro, assistida por duas meninas. Entramos no estabelecimento. O diretor, padre Miguel Ghigo, é italiano. Enquanto ele e Paulo conversavam, fui fuçar. As salas de aula são pequenas mas muito bem arrumadas. Meninas e meninos, todos, com traços de índio na fisionomia. Um campo de futebol que serve também para vólibol. A grama nasce e cresce fácil de misturar com capim. Todos alegres, contentes.

Depois, fomos à Prefeitura, cujo secretário, sr. Eustáquio Pereira Sanches, muito cordial e amigável, pareceu-nos eficiente. A principal produção do município é piaçava, de cujo ICM a Prefeitura fica com 20%. Na sede, talvez mil habitantes. A iluminação, de gerador a óleo, é fornecida das 18 às 12h, quando é desligada, explicou-nos. Indicou-nos um prático do rio, nesta região, para pilotar nosso barco nesse emaranhado de rios, igarapés, igapós, uma verdadeira renda líquida. Isto porque Paulo quer encontrar uma ilha, com área suficientemente grande e desabitada, para nela instalar uma reserva florestal, zoológica e botânica do INPA. Descemos até a barranca do rio. Sob um telhado, homens e mulheres trabalham na amarração de piaçava, fazendo compridos cones. Paulo decidiu, então, medir a largura do paraná até a ilha fronteira ao local onde aportamos. Jurandir entrou, finalmente, em ação. Montou a bússola-teodolito, instalou-a no barranco enquanto Paulo e Severino, no bote pneumático ( de fabricação alemã ), atingiam, em frações de minuto, a praia da ilha, ali colocando a mira-falante ( balisa stadimétrica ). Depois dos cálculos, a largura: apenas 310m ! Saímos para buscar Dedé, o prático indicado pelo sr. Eustáquio. Mora num recanto adorável. Casa rodeada de palmeiras. Veio logo, pronto para "topar" qualquer parada". De novo nos pusemos a navegar e logo começou uma forte chuva. Dedé explica, indica e aponta. Jurandir, nomeado cartógrafo, rascunha mapas. Antonio, o dos "sete instrumentos", serve café. Contornamos uma grande ilha e vimos uma belíssima praia de areia branca e fina. Ancoramos. Dedé, o nosso guia: "sr. Mucio, o sr. quer cavocar aqui na areia ? " Fiquei um tanto receoso mas comecei a cavar. Devagar, apareceram ovos de tartaruga. Perguntei-lhe

como sabia que ali, naquele ponto, havia os ovos. Muito naturalmente explicou: a tartaruga vem, faz o buraco, desova, repõe a areia e, para enganar os inimigos naturais, dá uma volta sobre si mesma para alisar a superfície e, como tem de locomover-se numa direção, o círculo que faz não fica fechado; veja, ali tem mais. Menor que a tartaruga, o quelônio chama-se “irapuca”.

Flavio e Antonio embrenharam-se na selva em busca de exemplares de hematófagos e outros insetos. Já 20h. De botas, terçado, farolete manual, uma espingarda. Andam de camisa bem aberta porque só assim — dizem — atraem os “bichinhos” que deixam pousar sobre os próprios corpos. Ficam quietos enquanto os “bichinhos” picam e sugam. Então, num movimento preciso e rápido os apanham com os dedos ou com os vidros adremente preparados e, na manhã seguinte, iniciam os estudos.

Aldemar Fontes dos Santos, conhecido como Dedé Xuna, foi funcionário da Erradicação da Malária. Conhece esta região como a palma da mão. Durante anos exerceu o cargo, mas ganhava muito pouco: uns 180 cruzeiros e mais a diária de 3,50 cruzeiros novos. Hoje, trabalha na Prefeitura onde se acha em melhor situação. Contou fatos dolorosos que evidenciam o abandono em que se acha esta gente. O Butantã, em São Paulo, não tem interesse em produzir o soro anti-urucuçu, a cobra mais freqüente na Amazônia, o terror de todos. A capacidade de veneno desse réptil é realmente impressionante, pois pode atacar duas vezes seguidas inoculando, sempre, veneno suficiente para matar.

31 de agosto, domingo. Na praia onde ancoramos ontem, nem brisa. De manhã bem cedo, só o coaxar de um sapo ou jia. Após o café, Dedé pôs o barco em movimento e entramos, pouco depois, no rio Têia, afluente do rio Branco, à margem direita. A paisagem não sofreu modificações ainda. As árvores nascem de dentro d'água. Um canoeiro (montaria) passa solitário... Igapós, árvores de todo jeito, torturadas, angustiadas, desesperadas em seus galhos que se levantam como à procura de algo que não podem alcançar. Árvores carregadas de folhas verdes, verde-amareladas, verde-claras, amareladas, tom de sépia; cipós que as asfixiam: cipós como fios telegráficos; algumas florações amarelas ou roxas ou brancas. Árvores narcisistas debruçadas sobre as águas; árvores arrancadas pela erosão, já mortas no tronco e nos últimos galhos mas que, em virtude da força e das condições do meio, renascem bem junto às raízes expostas com pequenas hastes e folhas verdes. Palmeiras e touceiras. São açai, janari, buriti, caranaí, patoá, bacaba, anajá, janaria, canarana, paxiúba etc. Como Riobaldo Tatarana, “namorei uma palmeira na quadra do entardecer.”

Paramos numas rochas, pois ao fundo, num sítio de belíssima topografia, mora um amigo de Dedé, o senhor Filinto, que logo nos veio

receber à entrada da varanda que se estende ao longo de toda a frente da casa. Cadeiras de balanço, velhas como os tempos, com assento e encosto de couro cru; uma antiga máquina de costurar, um lampião de querosene, um rádio daqueles enormes. Logo em seguida, surgiu uma indiazinha com a bandeja de café. Filinto tem 72 anos de idade; veio do Maranhão há 54. O sítio — conta ele — era bem cuidado, com cabeças de gado vacum, ovinos, frutas de toda sorte e até café, cacau, fruta-pão, flores e mais flores. Depois perdeu a vista esquerda e, agora, está com catarata na outra. Os filhos não se interessaram muito pelo seu gênero de vida. Em compensação, porém, a mulher não quer sair daqui de maneira nenhuma. Homem vivido na aspereza, curtido na dificuldade da Amazônia, conhece tudo por estas bandas. Falou sobre o rio Negro de outrora, quando quase todo o comércio da Venezuela meridional era feito por aqui, por estas vias; de quando as margens do rio Negro eram muito habitadas, com transportes e linhas freqüentes de comunicação. Vapores subiam e desciam com regularidade. Contou dos índios bons que não usavam flechas. Hoje, diz ele, o rio Negro está morrendo no abandono. Ninguém planta ao longo de suas margens; a população ribeirinha escasseia, atraída por outros chamarizes mais abaixo. O arroz não nasce, a mandioca é difícil, o gado passa fome e perece. Enquanto isto, o governo realiza uma reforma agrária que, para esta região, só tem trazido complicações, desânimo, desalento e abandono. Vida cara por culpa dos governantes que suprimem até agências telegráficas porque não dão lucro. A Panair, a despeito de tudo o que pudesse ter feito de errado, foi a voz, as mãos e os pés desta imensa região. Quando vem a cheia, a Cruzeiro do Sul não desce em Tapuruquara: nem cartas nem encomendas. Os “Catalinas” da Panair fizeram para esta gente o que os DC-3 significaram para outros cantos do País. Acabaram com tudo e até com o amazônide querem liquidar, relegando-o ao abandono, às doenças, à fome, à miséria. A Campanha de Erradicação da Malária, CEM, dedetiza as casas de vez em quando, contudo não fornece medicamentos. O homem empobrece enquanto os magnatas se tornam os donos de águas, terras e gentes. As missões americanas se isolam em seu trabalho ( há quem diga não sejam exclusivamente de catequese ). Os índios Atoari — afirma-se — são instigados por homens brancos, pois naquelas bandas há muitos minérios, ricas jazidas e os que tudo exploram ( com ou sem o conhecimento dos governantes ) não querem dividir. Açulam os índios e assim mantêm o isolamento que lhes possibilita exaurir as riquezas cômodas e impunemente...

Nada indica que hoje seja domindo aqui no rio Negro.

O senhor Filinto deu-nos laranjas, abacaxis, bananas, abios, maracujá-açu, cacau e até cuias cujo fundo é pintado de cumati, a tinta extraída da entrecasca da árvore, raspada e misturada com água. Dão-se várias demãos e a cor negra é igual ao nanquim ou à laca preta japonesa.

O entusiasmo tomou conta de todos, unidos em busca da ilha, pois será nela que flora e fauna, em todas as suas manifestações, serão preservadas. Contornamos a ilha de Tamaquari onde se incursionou, durante algum tempo, para encontrar igapós. Mais voltas à ilha. Paramos numa casa de índios na ilha. Paulo, Severino, Dedé e Antônio partiram no barco inflável e desapareceram além do extremo oposto da ilha, que deve ter uns 30km de comprimento. O "Francisco Sileno" ficou em órbita enquanto o inflável se embrenhava em busca de uma lagoa onde proliferam os peixes-boi e surgiu no ponto predeterminado. Já um temporal imenso começa a desabar. Chove violentamente e a superfície das águas corusca ao receber cada pingo de chuva. São milhões e milhões de brilhantes que ofuscam no impacto e logo desaparecem. Chove mesmo! Apesar do barulho da "máquina", os trovões chegam-nos aos ouvidos. A chuva continua, porém, mais fraca: 18h30min. Vamos amarrar o "Francisco Sileno II" na mesma praia de ontem. Está esfriando e chega a hora do jantar: pirarucu desfiado com ovos de tartaruga, ervilha e arroz; laranjas, bananas, goiabada, marmelada e café. Tudo muito variado e saboroso, pois o Antonio, além de ser "atração" para os hematófagos do Flavio, é também famoso cozinheiro nos rios Negro, Branco e afluentes. Depois do jantar, a conversa. Paulo falou sobre suas experiências, demoradas, com os índios Tiariti e da luta do padre Edgard no Jurema. Os assuntos se diversificaram, indo de doenças, agentes, manifestações, terapêuticas e casos contados pelo velho e bom Severino a respeito da velha Manaus. As condições sanitárias da Capital hoje são precariíssimas. A água servida à população é esta do rio Negro, "in natura", sem tratamento algum. Agora é que se está fazendo nova captação do líquido, sob o leito do rio, para posterior cloração. A rede de esgoto não vai além de umas poucas ruas das mais antigas. Os ingleses, que dominaram a cidade na época áurea da borracha construíram e deixaram algumas galerias, as quais, todavia, com a desapropriação do "Port of Manaus," foram abandonados e, hoje, em muitos trechos, estão ruindo. Quando o governo se tornou dono de todo o acervo, os aparelhos, as bombas de sucção e ar, de pressão, todos os equipamentos desapareceram. Agora, o INPA ergue um prédio de quinze andares na rua Guilherme Moreira, local alagadiço. Serão sessenta apartamentos. Por onde e para onde se escoarão os detritos se não há redes de esgoto? Este é o mais sério problema de Manaus de hoje, com 250.000 habitantes. E o lixo? Apenas diminuta parcela das ruas centenárias tem serviço de coleta. O lixo se amontoa nos terrenos baldios ou nos igarapés é lançado. O leite é de péssima qualidade. Vem da ilha do Careiro (lembrei-me de que em 1950 fiz a viagem até o Careiro, ida e volta, num barco leiteiro) vindo de gado nem sempre sadio, tirado sem as mais mezinhas normas de higiene; sacolejando em latões chega à capital e é vendido no varejo das ruas. Outro problema que aumenta é o decorrente

do trânsito. Cães sem dono, aos milhares, vagam pelas vias públicas. Por que arranha-céus em Manaus, onde o espaço é sem limites? Só para dar-se à cidade aquele ar sofisticado, falso e desumano da cidade que cresce e se transforma em metrópole? É absolutamente necessário, antes de tudo, valorizar o homem, ensinando-lhe hábitos de educação, de higiene e meios de prover a sua subsistência. Preparar a sua própria gente para ordenar e comandar o futuro.

O gerador já está na hora de ser desligado: 20h45min deste domingo, 31 de agosto de 1969.

Acordei, nesta segunda-feira, com a máquina" a ser posta em movimento. Vamos subir alguns rios mais ao norte. Ainda está escuro. Um vento frio corre sob o céu nublado. A primeira luz do dia vem aparecendo. Paramos junto à ribanceira de uma ilha, na boca do rio Inhambu. Paulo, Severino, Dedé, Antonio e Flavio saíram no inflável e nós outros permanecemos a bordo. Voltam Paulo e Severino, depois de algum tempo, e me convidam a seguir com eles no pneumático. Atravessamos o rio Negro e fomos descer numa diminuta e linda praia do rio Abuero, da qual se viam os morros da chamada serra do Jacamim. Retornamos ao "Francisco Sileno" pouco mais tarde e, enquanto se preparava o almoço, Paulo, Dedé, Jurandir e eu subimos o rio Inhambu, que serpeia tranqüilo, refletindo, calmo e sereno, mais como as águas de uma lagoa, o verde das bordas e o azul do céu. O percurso parecia montanha russa e a sensação que tive foi a de que o rio estava surgindo das profundezas, de baixo para cima, embora docemente. De repente, as águas começaram a apresentar sucessivas ondas de espuma branca. Imaginei, logo, uma corredeira ou cachoeira. Foi também de repente que ela nos surgiu à frente, espocando, estourando, indômita e indomável. Apesar da pouca altura da queda, a violência das águas contra as rochas imensas era tremenda. Descemos do barco para as costumeiras fotografias. Retornamos ao "Sileno II" e verificamos que o percurso de ida e volta foi feito em 45 min. Após o almoço, Paulo, Dedé, Antonio e Flavio retornaram à cachoeira, onde Antonio e Flavio deveriam apanhar exemplares de insetos, peixes, borboletas e rumar, em seguida, para a boca do rio Marauíá, afluente do Negro, margem esquerda, bem abaixo do Inhambu. Lá seria o ponto de encontro. Já estamos descendo o rio Negro e o relógio marca 15h30min, hora local. Realizado o encontro fomos em busca da praia em que nos amarramos sábado, apelidada de "Copacabana Palace". No caminho, passou por nós um caboclo numa "montaria", com espingarda a tiracolo e três cachorros na canoa. Transmitiu informações a respeito de duas cachoeiras e de uma tribo que Paulo pretende visitar amanhã, saindo bem cedo, pois a intenção é iniciar o regresso a Manaus ainda amanhã, terça-feira, mesmo que seja ao anoitecer ou dentro da noite. Já vamos amarrar. Choveu muito ontem e hoje e o sol ainda não deu o ar de sua graça. Como nesta praia há uma jia que não se cansa de coaxar, o nome

ficou "Pensão da Jia", porque em Mato Grosso existe um pouso chamado "Pensão da Ema" (três árvores bem juntas, que tornam possível estender redes).

A turma é realmente boa. Todos de permanente bom-humor e dispostos a qualquer serviço, a toda atenção. Jantamos. Antonio e Flavio partem, como se fosse noite, rumo à mata para pegar insetos ou mamíferos para estudos de entomologia e helmintologia. Pergunto ao "conde" as horas: 10h35min, temperatura 25,5º centígrados. O "conde" ouve no radiozinho, alternando sempre, uma transmissão em espanhol, da Venezuela, e outra, em inglês, das Bahamas.

02 de setembro, terça-feira, logo após o café, embarcamos no inflável e subimos o rio Marauá e uns trinta minutos depois vimos a primeira corredeira, vencida facilmente pelo "motor". A paisagem sempre linda. Não me canso de ver árvores, água e céu. Depois a segunda. Mais alta e violenta que a anterior. Desembarcamos e serpeamos por terra enquanto Dedé e Antonio, numa impressionante demonstração de perícia e calma, transpuseram o pneumático para além das águas revoltas. De novo, no barco, reiniciamos a jornada. Dedé conhece realmente muito bem tudo isto. A segurança com que manobra, a certeza com que toma o rumo e o vigor de seu físico impressionam. Não titubeia, não vacila. Firme, enveredou por uma água e desligou o motor Mercury. Amarrado o inflável, descemos. Nenhum índio por perto. Encontramos uma maloca dos Xurinami toda vazia. Foram caçar e levaram mulheres que os acompanham por terra, bem junto à margem, enquanto eles, os homens, vão de canoa. Ali deixaram a caitetu manual (uma espécie de ralo para mandioca) a "forma" para fazer a farinha, o forno, caixotes etc. Sobre uma estaca, penas de todas as cores. Umhas cinco casas e duas "construções" estranhas, marcadas inteiramente de fumaça. A volta processou-se com a maior simplicidade; às 13h35min partimos para Tapuruquara, primeira escala da viagem de volta. Temperatura, 28º centígrados.

Encostamos em Tapuruquara. O conjunto de dois edifícios, bem à moda dos Salesianos, com uma capela coberta de zinco entre ambos, domina a vista que temos à esquerda. Procuramos o senhor Eustáquio, o secretário da Prefeitura, pois queríamos agradecer-lhes as atenções e a indicação deste Dedé tão caboclo, tão simples e tão bom. Eustáquio não estava. Falamos, então, com o Prefeito. Descalço, barras das calças enroladas, cabelos pretos e reluzentes. Paulo conversou longamente com ele enquanto eu partia para novas explorações. Sentamo-nos à sombra de jameiros à espera, mas Eustáquio não veio. Mulheres partiam pedras ao sol. Dedé explicou-nos que cada uma delas quebra cerca de cem latas (medida — um desses latões de gasolina, de 18 litros) por semana a 500 cruzeiros antigos por lata. Isto representa uns 200 contos — diz

ele — por mês. Quebram pedras enquanto maridos ou pais vão pescar ou caçar a alimentação da família. E fomos conhecer a casa de Dedé. Simples, humilde, limpíssima e bem arrumada. Na sala, quatro cadeiras, uma máquina de costura, um diminuto quadro-negro, imagens de santos e retratos. Até uma tricomia da primeira dama do Estado com a frase “fulana de tal, um exemplo de amor aos humildes”. Ela, toda pimpona num ambiente de luxo, pernas cruzadas, bem maquilada e penteada... Já estamos no quintal: árvores, plantas, frutas, dois cães, um leitãozinho, um gato, várias galinhas ciscando seguidas de seus pintinhos. O galo, um papagaio solto passeava pelo chão, tantando fumar uma guimba que atiramos. Panelas reluzentes e caldeirões brilhantes pendurados no batente do vão da porta da cozinha. Apenas o vão! Não há necessidade de bandeiras nas portas, pois não há ladrões, não há assaltantes. Que humilhante superioridade a desta gente. Dona Antonia, desembaraçada, veio com uma bandeja, quatro xícaras e café quente, enquanto nos extasiávamos diante de um canteiro de latas pousadas sobre uma espécie de banco feito de finos troncos. Uma diversidade enorme de plantas; cada qual com a folhagem mais bonita e muitas com belas flores. Folhas de toda as formas, recortadas, angulosas, redondas, compridas, curtas, estreitas, largas, de cor uniforme ou salpicadas de verde e amarelo. Uma é “macumbinha”, outra é “laço de amor” (duas diminutas flores, vermelhas ou brancas, que florescem juntas). Quem as planta e delas cuida é Vera, de nove anos, que chegava da escola com a tia que a fora buscar. Árvores e arbustos por toda parte. As folhas desta, secas perto do fogo, reduzidas a pó e transformadas em bolinhas com leite de sorva, são mastigadas: tiram qualquer apetite e diminuem a gordura das pessoas. Das folhas de outra, prepara-se um chá contra palpitações cardíacas; aquela resolve males do estômago; outra combate as deficiências hepáticas; mais outra, problemas intestinais. Um ar de perfume nos envolvia em meio aos coqueiros-anões, mamoeiros, ingazeiros etc. A irmã de Dedé, para ajudar em tudo, dá aulas a um grupo de meninos e meninas. São quinze alunos dos quais dois, atualmente, não comparecem às aulas porque foram auxiliar os pais no roçado, na pesca ou na caça. De repente, choveu. Abrigamo-nos sob as árvores e dona Antonia veio buscar-nos para retornarmos ao interior da casa. Depois que a chuva passou, surgiu o curumim que, do barco, veio avisar-nos da partida. Descemos o rio até Tapuruquara outra vez. Casemiro, o piloto, queria visitar uma tia e voltaria às 21h. Veio mesmo e desamarramos. Uns vinte minutos de percurso e os céus despejaram uma tempestade, para valer mesmo! Decidiu-se parar para evitar qualquer risco, pois o barco jogava por todo lado e as ondas quase nos engoliam. Mesmo assim, o barco foi amarrado num robusto tronco de árvore e dormimos ao embalo das águas revoltas. Todos tínhamos muito sono e...

03 de setembro, quarta-feira. Acordei às 6h e Severino informou que estávamos rodando desde às 03h da madrugada. Paulo

assume o leme e o sol já está quente às 7h50min. Conversa vai e conversa vem. Antonio diz que, quando pode, vai caçar ou pescar. Prefere o tambaqui ( eu também ) a qualquer outro peixe. Os mais comuns da região, informa, são tambaqui, tucunaré, jaraqui, pacu, caraú-açu, aracu, jatuarana, matrinxã, piraiba, surubim, piranha, pescada, pacamum, pirarucu, traíra, poraquê ( o elétrico do qual experimentei um choque no Museu Goeldi em 1955 ), bodó, piramutaba e pirarara.

A viagem de volta, embora linda e esfusiante, não apresenta aquele impacto do imprevisto na paisagem, mas persiste a admiração por tudo quanto nos cerca. As nuvens, até então brancas e esgarçadas, adensam-se e escurecem para logo choviscar. A uns 45 graus sobre o horizonte, a leste, forma-se gigantesco arco-íris. Um bando de papagaios corta as sete cores distintas e se perde para além das árvores. Quase cinco horas da tarde. As curvas do rio. O vento, que estivera ausente o dia todo, agora sopra dentro do barco e corre na superfície das águas, encrespando-as. As franças das árvores, os leques das palmeiras e tudo balança. No céu, persiste o festival de cores: azul, vermelho, laranja, fímbrias de ouro e, nesse berço colorido, o sol se deita. Às 19h45min passamos por Barcelos. Contei 43 focos de iluminação. A igreja e o colégio dominam com suas luzes a avenida beira-rio. Cerca de uma hora após, dormimos.

Quinta-feira, 04 de setembro e Casemiro informa que passamos pela boca do rio Branco, às 04h05min. Mas enquanto esperava o sono, eu revi o velho pescador que aparece em sua "montaria" junto ao nosso barco ancorado no rio Marauíá. Não diria que sua roupa estivesse em frangalhos, mas bem rasgada. Chapéu de palha. Um rosto curtido, barba branca de alguns dias. Conversou, explicou e ofereceu-nos peixes. Depois, afastou-se remando para deter-se num remanso ensombrado. O homem só, sozinho na canoa, sozinho no rio. Esta solidão, este constante contacto com a Natureza em todas as suas manifestações, esta simbiose com a tranqüilidade do rio que passa sempre e se renova sem parar, tudo isto há de dar-lhe uma paz interior não imaginada e sequer suspeitada pelo homem comum da cidade grande...

Estamos voltando, subindo o rio e são oito horas. É que Casemiro, o piloto, se esqueceu de parar em Moura e queremos ver a cidade que os Atroari incendiaram há alguns anos. "Ubi Moura fuit". Que resta da cidade que chegou a ser próspera? A fachada de alvenaria das "colectorias estadoaes", como se fosse apenas um muro a cercar bananeiras. As ruínas de outro prédio, "Comissão dos Portos da Amazônia". Casebres de palha, poucos e pobres. Logo ao descer, encontramos lavadeiras. Vozes de crianças cantavam o Hino à Bandeira. Aproximamo-nos da escola. A meninada saía para a merenda. Procuramos a

professora. Deve ter uns 19 anos e chama-se Celeste. Recebe da Prefeitura de Barcelos, porque Moura, decadente, deixou até de ser município e hoje é apenas distrito da ex-capital. Celeste veio para cá este ano. Natural de Carvoeiro, tem 43 alunos e muito entusiasmo, é heroína das mais respeitáveis. Andamos bastante pelas trilhas. Carneiros pastam tranqüilamente. Uns dois ou três cachorros. Meninos brincam com uma bola de borracha. Sol escaldante. Andamos muito até localizar a base da FAB, cujo sargento, muito amável anuiu em transmitir uma mensagem de Paulo destinada ao INPA. Cada elemento da Base permanece aqui seis meses. No pátio, um hidroavião, Catalina PT-ATN, abandonado — diz o sargento — há uns cinco anos e ninguém apareceu para removê-lo...

Caía a noite quando Flavio e Antonio saíram para a “caçada” dos temíveis “flebotons” e, contentes, voltaram com três exemplares do responsável pela Leichmaniose cutânea, pois a visceral ainda não existe ( felizmente, acrescentam ) na Amazônia.

O “conde” é Jurandyr de Alencar, 28 anos de idade. Nasceu em São Paulo de Olivença, onde seu pai era agente postal e telegrafista. Com uns dois anos, foi morar em Borba e dali para Manaus. Fez o curso ginásial com os Salesianos e Matemática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Amazonas. Há uns dez anos prestou concurso federal, mas até hoje não foi chamado. Depois foi para Curitiba e mais tarde para Viçosa, onde se diplomou em Economia Florestal. Ingressou no INPA e, como bolsista da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Lisboa. O apelido “conde” é em razão de, em seu pijama, haver um brasão bordado.

A viagem está chegando ao fim. Esta é a última etapa desses 2.500 km líquidos num barco com oito adultos e um menino. Chega a noite também negra como o rio. O último jantar. Prato de alumínio na mão esquerda, garfo na direita. Caneca de ágata. Depois vamos dormir para acordar em Manaus às sete horas... Dormir ilusões e sonhar esperanças !

Manaus, sete horas: estamos no cais.

Lembro-me de que ontem, em Moura, sobre a mesa do alojamento dos sargentos, havia um jornal de Manaus, datado do dia anterior. Sem os óculos, só pude ler a manchete e concluo: consumou-se o mais doloroso dos golpes, na série de golpes. Se havia um vice-presidente, por que um triunvirato assume o governo durante a doença do titular efetivo ? Ah, civilização !